

Nós e eles

Linair Moura

(a partir da obra *O choque de civilizações*, de Samuel P. Huntington, 1996)

Na pós-modernidade, estamos vivendo e participando de um processo intenso de afirmação de identidades. Aquela menininha que criamos vestida de rosa, de repente, não se vê mais assim. Huntington olha para esse processo no nível global para dizer que “o crescente poder das sociedades não ocidentais está gerando um renascimento das culturas não ocidentais pelo mundo afora” (p. 144), ele chama esse processo de indigenização. Para ele, o crescimento de uma cultura está intimamente ligado à sua capacidade de expandir seus valores. Nesse sentido, ele concebe que a civilização ocidental está erodindo em razão da perda dos valores sobre os quais ela se erigiu, dentre outros fatores.

Uma das perguntas que o livro instiga é se a obra de Huntington, após 27 anos de seu lançamento, ainda é relevante para a análise do atual contexto geopolítico.

Em 1996, ele defendeu que, com o fim da Guerra Fria, a política mundial seria reconfigurada por linhas culturais. Ele propôs o paradigma civilizacional pelo qual mapeou as principais civilizações que seriam protagonistas desse novo momento, mesmo admitindo que essa divisão seria suscetível a críticas. As comunidades culturais estariam substituindo os blocos da guerra fria, dando origem a um mundo multipolarizado. O paradigma civilizacional seria uma concepção da organização política mundial, uma construção intelectual para entender e explicar o movimento das nações, em substituição ao paradigma da Guerra Fria. Mas, como é próprio de um paradigma, está sujeito a deficiências e limitações. Apesar disso, oferece respostas que o paradigma anterior não e mais capaz de dar.

Huntington está vendo o mundo na década de 1990, com a queda do Muro de Berlin (1989) e a conseqüente eclosão dos conflitos que antes estavam por trás da Cortina de Ferro. Um mundo que viu horrorizado as guerras nas ex-repúblicas soviéticas. A década seguinte, foi marcada pelo ataque ao World Trade Center, em 11 de setembro de 2001, por extremistas islâmicos. Fato que, também, cabe como uma luva na perspectiva civilizacional, pois deu início à guerra do terror entre o ocidente e o mundo árabe.

Mas, em dezembro de 2010, o mundo árabe inicia os movimentos do que marcaria essa década: a Primavera Árabe. Iniciada na Tunísia, as guerras comunitárias do mundo árabe ainda não acabaram e é aqui nosso ponto de atenção com o alinhamento ao paradigma civilizacional, pois tais guerras se parecem, também, com o desejo de democracia e, nesse sentido, de modernização, quando as populações mulçumanas se revoltaram contra os governos autocráticos, depondo ou matando tais ditadores. Nesse particular, esses conflitos parecem se identificar com a proposta de Fukuyama porque, segundo este, (em *O fim da história*), “vencido o socialismo e o facismo, a democracia ocidental não terá rival, apresentando-se como único modelo viável

para as nações” e foi para enfrentar o este paradigma que Huntington escreveu o livro que lemos. Se por um lado o paradigma civilizacional se torna frágil, por outro, continua a se definir nos apoios externos que são dados a tais conflitos.

Mas a novidade é que a Primavera Árabe intensificou o fenômeno da mobilidade humana forçada. Milhões de árabes atravessaram o Mediterrâneo ou os Balcãs para alcançar a Europa. Há previsões de que 14% da população europeia serão árabes em 2050. Esse quadro demográfico certamente terá enorme peso político nas próximas décadas. Além disso, se intensificaram as migrações já existentes no continente americano rumo ao norte, levando os Estados Unidos a recrudescerem sua posição em relação aos de fora.

Certamente, o mundo continuará guerreando nas linhas de ruptura civilizacional, mas chama a atenção o enorme contingente de imigrantes no território europeu historicamente proselitistas e historicamente não assimiladores, diante de uma Europa cujos valores culturais e religiosos estão em erosão, como nos afirma Huntington. Qual será o desenrolar desse quadro sociopolítico? Será que suas consequências caberão no paradigma de Huntington?

Afora tais questões, podemos afirmar que o paradigma civilizacional foi amplamente debatido nas últimas décadas, entretanto não podemos esquecer outras análises como as de Hall (1992). Preocupado em discutir se a identidade nacional estava sendo afetada ou deslocada pelo processo de globalização, Hall se vale teoria social, e aponta grandes contributos do fenômeno mundial de mudança do conceito de identidade que deslocaram os sujeitos de suas referências estáveis. Para Hall, esses descentramentos produziram efeitos na cultura nacional e colaboraram para o colapso da ordem social, econômica e religiosa, tornando o teto do estado-nação muito frágil para conter a força explosiva debaixo dele.

A partir do postulado de Hall, podemos inferir que o fim da Guerra Fria não seria o principal fator de uma transformação da ordem mundial, mas seria, também, consequência da complexidade de novas configurações sociais e políticas que estavam se estabelecendo no mundo, de retorno às fontes de onde provêm os conteúdos simbólicos que dão coesão ao estado-nação.

Isso porque a noção de “nós” e “eles” é bem antiga, desde que o homem se encontrou com outra tribo, com outros costumes, com outras crenças, ele se deu conta que aquele outro não era como ele. A noção de “nós” só existe de diante do outro e, como diz Celso Antunes, o nosso medo do estranho e a autodefesa são ontológicos. Creio que é por isso que Huntington finaliza a obra que lemos dizendo que mesmo que haja, trégua, armistício, suspensão do conflito, eles sempre ressurgiram entre aqueles que têm queixas e mágoas históricas.

Como afirma Huntington, o mundo continuará em guerra, e questionar se este paradigma ainda responde a todas as questões que se objetivam no mundo não diminui em nada a grandeza desta obra, pelo contrário, só confirma o que o próprio autor nos ensina sobre a utilidade de um paradigma.